

**PERDIDO NA CIDADE: O DESENRAIZAMENTO DO SUJEITO NO  
ESPAÇO URBANO MODERNO**

**LOST IN THE CITY: THE UPROOTING OF THE SUBJECT IN THE  
MODERN URBAN SPACE**

**Marcos Antonio de Menezes<sup>1\*</sup>**

Universidade Federal de Goiás, Brasil

**RESUMO:** Apontar o século XIX como o período da história em que o homem mais tenha sido desnudado, em que as crenças e as tradições desse mesmo homem tenham sido quebradas para ceder espaço a um novo tipo de vida que se organizava — a sociedade capitalista —, pode parecer lugar-comum, mas foi, sem dúvida, nesse século, que o urbanismo e a rua passaram a fazer irremediavelmente parte de nossas vidas. Com efeito, quando as formas de sociabilidade do Antigo Regime foram rompidas, todo um novo processo de reorganização da sociedade entrou em cena: a ruptura das fronteiras sociais, dos privilégios estatutários e o surgimento da cidadania se tornaram, então, elementos cruciais para a consolidação dessa sociedade historicamente determinada.

**PALAVRAS-CHAVE:** cidade; Baudelaire; memória; amnésia; modernidade.

---

<sup>1\*</sup> Professor associado da Universidade Federal de Jataí (UFJ) e professor do Programa de Pós-graduação em História - mestrado e doutorado - da Universidade Federal de Goiás (UFG). Membro da Rede de Pesquisa em História e Culturas no Mundo Contemporâneo. É autor entre outros de: *Olhares sobre as cidades: narrativas poéticas das metrópoles contemporâneas*. Goiânia: Kelps, 2016; *O poeta da vida moderna: história e literatura em Baudelaire*. Curitiba: Editora CRV, 2013. Em parceria, organizou e publicou várias coletâneas, dentre as quais se destacam: *História & Outras Eróticas*. Curitiba: Appris, 2019; *História e os desafios do século XXI: política, feminismos e performances de gênero*. Goiânia: Gráfica da UFG, 2018; *Novas epistemes e narrativas contemporâneas*. Campo Grande - MT: Life, 2017; *Narrativas da modernidade: história, memória e literatura*. Uberlândia/MG: Editora da Universidade Federal de Uberlândia - EdUFU, 2011. Endereço para acessar este CV: <http://lattes.cnpq.br/5906542748941462>. E-mail: [pitymenezes.ufg@gmail.com](mailto:pitymenezes.ufg@gmail.com)

**ABSTRACT:** Pointing the 19th century as the period of history in which man has been most exposed, in which the beliefs and traditions of that same man have been broken to give way to a new type of life that was being organized - capitalist society -, can seem commonplace, but it was undoubtedly in that century that urbanism and the street became irremediably part of our lives. In fact, when the forms of sociability of the Old Regime were broken, a whole new process of reorganization of society entered the scene: the rupture of social boundaries, statutory privileges and the emergence of citizenship became, then, crucial elements for the consolidation of this historically determined society.

**KEYWORDS:** city; Baudelaire; memory; amnesia; modernity.

Para alguns intelectuais, tais como Baudelaire, Nietzsche, Simmel e Benjamin, a cidade é lugar da não-memória, espaço destinado à perda da individualidade e da tradição entendida como experiência. Não me refiro aqui a uma cidade qualquer, mas àquela que nasceu sob a luz das revoluções Industrial e Francesa, agigantou-se rapidamente e foi objeto de análise e intervenções dos contemporâneos dela no fim do século XVIII e início do XIX. Tal cidade não poderia ser a pequena vila onde todos se conhecem e os encontros se tornam quase um culto às lembranças e tradições. Refiro-me à cidade na qual o olhar não mais alcança o outro e se perde em meio à multidão de passantes — o que constitui um dos assuntos mais caros à literatura e à sociologia do século XIX.

Homens sensíveis e brilhantes, esses intelectuais viram as cidades como local de dispersão e perda da identidade individual e coletiva. Georg Simmel e Walter Benjamin — aflitos com a situação caótica de seu país no fim do século XIX e início do século XX — são, aqui, minhas janelas para ver a cidade que a todos captura no seu vórtice de mudanças e novidades.

Baudelaire, Benjamin e Simmel procuram explicar as novas experiências de *modernité* nas grandes cidades, de meados até o final do século XIX. Baudelaire focalizou a Paris dos anos compreendidos entre 1840 e 1850, que posteriormente fascinaria Benjamin. O mundo

de Baudelaire, com sua cultura de massa em expansão, foi o tema do inacabado *Passagen-Werk*, de Benjamin. A obra de Simmel, *Philosophy of money*, escrita na década iniciada em 1890 e publicada em 1900, também focaliza a experiência de divagadores e consumidores nos espaços urbanos novos e repletos de Berlim.<sup>2</sup>

O poeta francês Baudelaire foi o grande fisiognomista do urbano, vivendo em Paris no período em que esta não só recebia os milhares de braços para a nascente indústria como também passava por uma série de reformas urbanas empreendidas pelo imperador Napoleão III. Baudelaire captou, na sua escrita, as tensões das novas relações desse cenário e criticou veementemente o progresso que destruiu suas referências, fazendo tábua rasa do passado. Ele quis preservar suas referências do passado, a aura, resguardar a experiência de qualquer crise, a fim de preservá-las das intempéries vindas do novo cenário urbano.

O poeta não desejava apenas proteger a vida da sanha avassaladora do progresso; ele não via na técnica nem em seus artefatos um elo com a tradição. Desesperadamente, invocou a deusa Mnemósine e pediu que as musas, filhas dela, não deixassem as artes perderem a relação de culto que tinham com o passado. Clio ouviu suas lamúrias e a história — mais que as outras ciências e as artes — tentou segurar e desvendar os fios que teceram a trama do passado. Na época de Baudelaire, o mundo passou a conhecer a maior intervenção urbanística que uma cidade já havia recebido: Paris foi reformada sob a batuta de Haussmann.

Baudelaire era fascinado pela vida parisiense, em especial pela multidão — esta, aliás, provocou fascínio também em Benjamin, a ponto de ele tomá-la como objeto de estudo e o contrapor tanto à aversão de Engels quanto ao medo retratado por Poe. Baudelaire usou a experiência, a metáfora da convalescença para ver tudo por mediações — daí suas experiências com drogas. Para ele, a convalescença era como uma volta à infância, quando tudo é novo, tudo é novidade para a criança.

Georg Simmel mostra como a neurastenia é um assunto importante na discussão sobre a modernidade — tema que Benjamin detectou na obra de Baudelaire.

---

<sup>2</sup> FEATHERSTONE, Mike (1995). *Cultura de consumo e pós-modernismo*. São Paulo: Studio Nobel, p. 106.

A importância desse grupo, cujos integrantes são, por questão de ofício, predispostos a observar e registrar experiências, está no fato de que a experiência que apreenderam enquanto flanavam pelos espaços urbanos foram tidas como “as” experiências definitivas destes lugares. Em Baudelaire, Simmel e Benjamin encontramos numerosas referências ao senso de desprendimento do observador, seguida de ondas de imersão (envolvimento), mas todos eles imaginam que a multidão da cidade é uma massa de indivíduos anônimos na qual é possível mover-se sem ser notado e deixar-se carregar.<sup>3</sup>

Baudelaire, Simmel e Benjamin olharam para a cidade de forma apaixonada e apaixonante, porém, muitas vezes, o olhar foi de medo e pânico, o que não os fez calar diante do “monstro urbano”. Para Simmel e Benjamin, a cidade — aquela, fruto da indústria e da técnica do século XIX — criou um indivíduo que não mais conseguia associar seu passado ao presente na elaboração do futuro. Segundo Simmel, a enorme quantidade de novos signos e situações à qual o morador da metrópole estava exposto o levou a ter uma atitude *blasé* — um estado intermediário entre a idiotice e a loucura — perante as coisas e a vida. Benjamin, por sua vez, acredita que a cidade do século XIX, ao lançar seu habitante numa série de rápidas e novas situações, ameaçava-lhe a capacidade de transformar vivência em experiência, criando um ser condenado à repetição, alguém marcado para viver eternas fantasmagorias.

A identidade psíquica é abalada pela instabilidade da vida moderna. A identidade pessoal se torna fluida, multiforme e fortemente influenciada pela vida cotidiana. O *outro* que me olha me constrói como “eu”, como imagem própria do que vê.

O ‘eu’ é tanto extensão do olhar do outro, que me confirma como diferença e corpo, como desejo íntimo da existência, única e personalizada. Para Baudelaire, o homem moderno, nessa orgia sagrada das ruas, ‘acaba por se assemelhar àquele que gostaria de ser’ levado pela ‘metamorfose incessante das coisas exteriores’, pelo espetáculo delirante da novidade, pela vitalidade de uma ‘vida múltipla’ e pelo ‘encontro cambiante’ de todos os seus elementos. Desse modo, na modernidade, todo ‘eu’ torna-se ‘um eu insaciável de um não-eu’

---

<sup>3</sup> FEATHERSTONE, Mike (1995). *Cultura de consumo e pós-modernismo*. São Paulo: Studio Nobel, p. 109.

expresso e revelado como algo novo a todo instante, movido pelo ‘prazer efêmero da circunstância’.<sup>4</sup>

Na modernidade, o *outro* nos é apresentado como uma gravura sem alma, sem biografia; é somente um espectro, uma imagem sedutora, uma simulação, um espelho translúcido. A metrópole moderna aparece como uma imensa vitrine onde diversos papéis são dispostos para serem intercambiados. As ruas são como bailes de máscaras: cada qual a representar um papel e a copiar o do outro. O “eu” está lançado em um naufrágio, e a alma dança, dança, tentando agarrar-se ao leme da própria existência pessoal, mas “sem mastros, sobre um mar fantástico e sem bordas”. O “eu” está solto.

Na cidade moderna, é preciso aprender a ser muitos em um só. O homem já não possui um centro, uma identidade particular. Em meio à profusão de imagens que se refletem, o indivíduo se torna descentrado e se sente “furioso como um ébrio que vê dois em tudo”<sup>5</sup>. Nas grandes cidades, as identidades são intercambiadas como em uma grande feira.

O poeta-técnico do novo mundo, extenuado de ‘sentir, ver ouvir tudo ao mesmo tempo’ e ‘sentir tudo de todas as maneiras’ na torrente elétrica das multidões, é o avatar das cidades. Sua psique e identidade sofrem de convulsivos delírios, vertigens e confusões mentais no caos das ruas. A rua o condena à perda de seus registros e de sua memória pessoal. Amnésia, confusão e transfiguração frente às vitrines das grandes urbes.<sup>6</sup>

O poeta parece mergulhado na mais profunda embriaguez sensorial. Como “ébrio que vê dois em tudo”<sup>7</sup>, tem alucinações visuais, e a perda da memória o leva a crises sucessivas de identidade. Não só o poeta padece deste mal; o homem moderno também é agarrado por esse vórtice.

---

<sup>4</sup> CARVALHO, Sérgio Lage T. (1997). A saturação do olhar e vertigem dos sentidos. *Revista da USP*, n. 32, p. 128.

<sup>5</sup> BAUDELAIRE, Charles (1985). Os sete velhos. In: *As flores do mal*. (1985). *As flores do mal*. 5ª. ed. Tradução e notas de Ivan Junqueira. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, p. 333-334.

<sup>6</sup> CARVALHO, Sérgio Lage T. (1997). A saturação do olhar e vertigem dos sentidos. *Revista da USP*, n. 32, p. 146.

<sup>7</sup> BAUDELAIRE, Charles (1985). Os sete velhos. In: *As flores do mal*. 5ª. ed. Tradução e notas de Ivan Junqueira. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, op. cit., p. 333-334.

Sua “razão de balde ao leme se agarra”<sup>8</sup>, mas é inútil a luta: o que via, sabia, e tinha já desapareceram. Ele perdeu sua história, sua identidade. Segundo Georg Simmel, o indivíduo tenta, a todo custo, preservar sua autonomia frente às poderosas forças sociais. Nestas, toda herança histórica, toda cultura externa e todas as técnicas de vida funcionam como um rolo compressor sobre a autonomia do homem, que ferozmente luta para não ser nivelado e uniformizado por um mecanismo socio tecnológico. O ser humano faz diferenciações. A impressão de um dado momento e a diferença entre o que a precedeu detonam um mecanismo que estimula sua mente. O homem metropolitano, por sua vez — ao ter de suportar alterações bruscas e ininterruptas entre estímulos externos e internos —, passa a sofrer uma intensificação dos estímulos nervosos.

Diferentemente, a vida na pequena cidade, que repousa sobre impressões distintas apenas ligeiramente entre si, exige menos consciência do homem que a rápida convergência de imagens mutáveis em um simples atravessar de rua na metrópole. Nesta, requer-se do homem bem mais consciência. Na cidade pequena, a vida psíquica do indivíduo descansa mais sobre relacionamentos profundamente sentidos e emocionais. Estes se

enraízam nas camadas mais inconscientes do psiquismo e crescem sem grande dificuldade ao ritmo constante da aquisição ininterrupta de hábitos. O intelecto, entretanto, se situa nas camadas mais transparentes, mais altas do psiquismo; é a mais adaptável de nossas forças interiores. Para acomodar-se à mudança e ao contraste de fenômenos, o intelecto não exige qualquer choque ou transtorno interior; ao passo que é somente através de tais transtornos que a mente mais conservadora se poderia acomodar ao ritmo metropolitano de acontecimentos.<sup>9</sup>

Dessa forma, assevera Simmel, para proteger-se das ameaças desagregantes de suas raízes, o homem da cidade grande reage mais com a cabeça que com o coração. A inteligência que está bastante afastada da zona mais profunda da personalidade assume

---

<sup>8</sup> BAUDELAIRE, Charles (1985). Os sete velhos. In: *As flores do mal*. 5ª. ed. Tradução e notas de Ivan Junqueira. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, op. cit., p. 333-334.

<sup>9</sup> SIMMEL, Georg (1976). A metrópole e a vida mental. In: VELHO, Otávio Guilherme (org.). *O fenômeno urbano*. 3. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1976, p. 12.

papel de protetora do indivíduo contra o poder desagregador da vida metropolitana, protegendo assim a vida subjetiva.

Simmel coloca lado a lado na metrópole a economia monetária e o domínio do intelecto — a cidade sempre foi sede da economia monetária —; uma vez interligados, em ambos se percebe, como algo bucólico, a relação entre homens e coisas. Cada vez mais a mente do indivíduo se torna calculista e, como numa operação monetária, reduz tudo ao valor de mercado; interessa apenas o que pode ser vendido, comprado, trocado ou mensurado.

Em certos traços aparentemente insignificantes, que se situam sobre a superfície da vida, as mesmas correntes psíquicas se unificam caracteristicamente. A mente moderna se tornou mais e mais calculista. A exatidão calculista da vida prática, que a economia criou, corresponde ao ideal da ciência natural: transformar o mundo num problema aritmético, dispor todas as partes do mundo por meio de fórmulas matemáticas.<sup>10</sup>

Na metrópole, mais que na pequena cidade, a economia do dinheiro rege a vida das pessoas, estipulando papéis que devem ser representados com a precisão de relógio. Os vários afazeres e relacionamentos diversos seguem o ritmo dos ponteiros de tal forma que, se um compromisso ultrapassa o tempo predeterminado, tudo desmorona. Se a vida metropolitana obriga todos a sincronizar os relógios, também cria uma subjetividade altamente pessoal, fenômenos psíquicos só a ela reservados. Ao defrontar o habitante com a enorme quantidade de imagens, sons, sensações e ritmos diferenciados da metrópole, esta exige que ele tenha o máximo de atenção, a ponto de obrigá-lo a estirar os nervos ao extremo sem que consiga imediatamente voltar à condição anterior. Tal situação cria no indivíduo um fenômeno psíquico ao qual Simmel se refere como atitude *blasé*, que, para ele, “resulta em primeiro lugar dos estímulos contrastantes que, em rápidas mudanças e compreensão concentrada, são impostos aos nervos. Disto também parece originalmente jorrar a intensificação da intelectualidade metropolitana”<sup>11</sup>.

---

<sup>10</sup> SIMMEL, Georg (1976). A metrópole e a vida mental. In: VELHO, Otávio Guilherme (org.). *O fenômeno urbano*. 3. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1976, p. 14.

<sup>11</sup> SIMMEL, Georg (1976). A metrópole e a vida mental. In: VELHO, Otávio Guilherme (org.). *O fenômeno urbano*. 3. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1976, p. 16.

As pessoas que não têm existência intelectual, assim como os débeis mentais, não se enquadrariam exatamente, para Simmel, na condição de *blasé*. Comportamentos que deixam os nervos numa tensão extrema por um longo tempo podem levá-los à não-reação a estímulos; mesmo as impressões mais brandas podem provocar reações violentas e, com isso, estirar os nervos até as últimas reservas de energia. O indivíduo incapaz de reagir a novas sensações com força necessária acaba por tornar-se apático, alheio à realidade.

Segundo Georg Simmel, a fonte fisiológica que cria a atitude *blasé* é outra. Na cidade, ela será acrescida daquilo que flui da economia do dinheiro que nivela todas as coisas na operação “quanto custa”. O indivíduo *blasé* não consegue discriminar. Tem essa faculdade embotada. O significado de valores diferenciados das coisas e as próprias coisas são por ele experimentados como se não tivessem substância; nada merece atenção, pois tudo se torna plano fosco. Isso é, para Simmel, o reflexo subjetivo da economia do dinheiro interiorizado.

Para o dinheiro não há cor, sexo, raça nem crença religiosa; tudo é posto no mesmo nível. Ele arranca a “alma” das coisas, a autonomia, a originalidade; leva tudo a gravitar em sua órbita. Nas pequenas cidades, as operações econômicas são relativizadas pela participação direta das pessoas que aparecem como mediadoras das trocas, o que leva a crer que a atitude *blasé* — tal qual a economia do dinheiro — tenha, na grande cidade, seu genuíno cenário.

O indivíduo *blasé* recusa acomodar-se ao conteúdo e à forma da vida metropolitana. E essa tentativa de autopreservar a personalidade o leva a desvalorizar todo o mundo objetivo, o que inexoravelmente arrasta sua personalidade para a sensação de igual inutilidade. Na cidade grande, o homem está só e tenta desesperadamente encontrar-se, e isso faz com que tenha, com a cidade e a vida, uma relação negativa.

Ao visitar Londres pela primeira vez, em 1844, Engels anotou em seu relatório de viagem:

Esta indiferença brutal, este isolamento insensível de cada indivíduo no seio dos seus interesses particulares, são tanto mais repugnantes e chocantes quanto é maior o número destes indivíduos confinados neste reduzido espaço. E mesmo quando sabemos que este isolamento do indivíduo, este egoísmo mesquinho, é em toda parte o princípio fundamental da sociedade atual, em parte alguma ele se manifesta com uma imprudência, uma segurança tão completa como aqui,

precisamente, na confusão da grande cidade. A desagregação da humanidade em células, das quais cada uma tem um princípio de vida próprio e um objetivo particular, esta atomização do mundo, é aqui levada ao extremo.<sup>12</sup>

Esse comportamento do habitante da grande cidade provocou em Engels uma reação moral e estética. A velocidade com que era marcada a hora na cidade — o que impelia as pessoas, na multidão, a passarem rapidamente umas pelas outras — afetou esse pensador de forma desagradável. Nesse quase-esbarrão, apesar do olhar mútuo, nem uma palavra era trocada. As pessoas apenas se dignaram a desviar um pouco para dar passagem a outras pessoas. Muitas vezes, os moradores de um prédio ou quarteirão só conheciam de vista seu vizinho de anos. Tal reserva fazia com que, aos olhos do morador da pequena aldeia, o metropolitano aparecesse como desalmado e frio.

Trata-se de uma aversão e uma antipatia mútuas que nada mais são do que uma das formas de socialização no palco da cidade grande. Pode parecer paradoxal, mas é justamente essa reserva que vai garantir ao indivíduo a liberdade, segundo afirma Simmel. É na multidão amorfa da metrópole que o homem se sente único e indivisível. A pequenez e os preconceitos da pequena vila o atrofiam. É na multidão da grande cidade que o indivíduo tem condições de sentir o impacto que causam em sua independência a reserva e a indiferença para com os demais.

Isso porque a proximidade física e a estreiteza de espaço tornam a distância mental mais visível. Trata-se, obviamente, apenas do reverso dessa liberdade, se, sob certas circunstâncias, a pessoa em nenhum lugar se sente tão solitária e perdida quando na multidão metropolitana. Pois aqui como em outra parte, não é absolutamente necessário que a liberdade do homem se reflita em sua vida emocional como conforto.<sup>13</sup>

Ao expandir-se fisicamente, a cidade arrasta consigo o indivíduo e, com isso, aumenta as próprias possibilidades de independência, de forma comparável à expansão da riqueza que cresce semiautomaticamente em progressão e sempre mais rapidamente.

---

<sup>12</sup> ENGELS, Friedrich (1985). As grandes cidades. In: *A situação da classe trabalhadora na Inglaterra*. São Paulo: Global, p. 36.

<sup>13</sup> SIMMEL, Georg (1976). A metrópole e a vida mental. In: VELHO, Otávio Guilherme (org.). *O fenômeno urbano*. 3. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1976, p. 20.

A influência da metrópole ultrapassa os limites físicos de seu município e atinge vários pontos da vida nacional e até internacional. A moda é um bom exemplo disso e, ao mesmo tempo, mais uma contradição: o estilo de vida metropolitano, copiado por quase todos, vai conferir-lhes uma aparência uniformizada.

Nesse lugar onde as luzes são acesas apenas para tudo mostrar sobre uma falsa aparência, os objetos parecem flutuar sobre a cabeça de seus criadores, como se tivessem vida própria, alma. Para Simmel, tais objetos são dotados de um “espírito objetivo” maior que o “espírito subjetivo” do homem moderno. Durante os séculos da existência humana, uma imensa cultura se incorporou a objetos, ao conhecimento e à vida. Já o progresso cultural do indivíduo foi bem menor; em alguns casos — como espiritualidade, delicadeza e idealismo —, houve um retrocesso. Essa discrepância é, para Simmel, resultado da divisão do trabalho. Cada vez mais, de forma universal, o indivíduo tem que se aperfeiçoar, tornando-se diferente dos demais, numa busca unilateral que pode matar sua personalidade.

Em qualquer caso, ele cada vez menos pode equiparar-se ao supercrescimento da cultura objetiva... O indivíduo se tornou um mero elo em uma enorme organização de coisas e poderes que arrancam de suas mãos todo o progresso, espiritualidade e valor, para transformá-lo de sua forma subjetiva na forma de uma vida puramente objetiva. Não é preciso mais do que apontar que a metrópole é o genuíno cenário dessa cultura que extravasa de toda vida pessoal. Aqui, nos edifícios e instituições educacionais, nas maravilhas e confortos da tecnologia da era da conquista do espaço, nas formações da vida comunitária e nas instituições visíveis do Estado, oferece-se uma tão esmagadora inteireza de espírito cristalizado e despersonalizado que a personalidade, por assim dizer, não se pode manter sob seu impacto.<sup>14</sup>

Perdido na multidão da metrópole, o indivíduo busca ao extremo preservar sua essência. Se não exagera nesses elementos pessoais, ele desaparece até para si mesmo. A cultura individual se atrofia perante os excessos da cultura objetiva. Parece que não resta ao homem metropolitano outra saída que não a atitude *blasé*, como recusa à planificação e ao achatamento de sua vida. Benjamin, para falar dessa cidade e desse tempo, volta-se

---

<sup>14</sup> SIMMEL, Georg (1976). A metrópole e a vida mental. In: VELHO, Otávio Guilherme (org.). *O fenômeno urbano*. 3. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1976, p. 23-24.

para a literatura do século XIX e à psicanálise de seu tempo. Foi nas leituras de Proust, *Em busca do tempo perdido*, nas poesias de Baudelaire, *As flores do mal*, em *Matéria e memória*, de Henri Bergson, e em *Além do princípio do prazer*, de Sigmund Freud, que ele encontrou material para sua tese a respeito da perda da identidade provocada pela metrópole.

Ao ler Proust e Baudelaire, a imagem de *ville* que ele tem é a de Paris, no meio do século XIX — apesar do fruto de suas angústias ser a Berlim dos anos 30 do século XX. A capital alemã era, nesse período, aquilo que Paris fora um século antes: “a capital da utilidade fútil”. Centros culturais da Europa, as duas metrópoles — cada uma a seu tempo — representaram a cristalização de um novo modo de viver e ver o mundo. Para elas, tudo convergia; eram cidades-ímãs. Em cafés, bares, teatros e galerias, destilava-se e vivia-se o novo, a última moda, bem como se tramavam revoluções.

Berlim era a metrópole europeia moderna dos anos 20/30 do século XX. Ruas, bares e teatros transmitiam aos habitantes uma febre por prazeres, uma sede de aventuras e distrações que se intensificou no período entre as duas grandes guerras. A cidade era, então, a capital europeia da diversão e da transformação dos costumes, dos espetáculos e da radicalização política; o expressionismo e a Bauhaus, Tomas Mann e Brecht, Rosa Luxemburgo e Heidgger, o Dr. Caligari e as canções de cabaré: todos pertenciam ao “espírito do tempo”<sup>15</sup>.

As duas metrópoles viveram a falência da revolução: Paris, perplexa, ante a derrota operária da comuna de 1848; Berlim, ante o fracasso do socialismo e a ascensão do nazismo. Sob um governo autoritário, ambas tiveram de enfrentar as inovações da técnica e do capital.

Benjamin se atém a esses dois mundos a fim de entender o que estava transformando o ser humano em um androide incapaz de produzir experiência. Sua análise, pela via da literatura, busca compreender por que a poesia lírica do século XIX não mais era apreciada pelo grande público. Para ele, o que ocorrera foi que tal poesia não apelava à experiência do leitor, porque esta já havia, há muito, mudado, e o poeta — exceto Baudelaire — não se dera conta disso. Único ainda a ter sua obra lírica apreciada, ele soube ligar sua vida e poesia a de seus contemporâneos, e Benjamin lê nessa poesia a própria angústia de ver a técnica e a modernidade destruírem a tradição, a aura: eis a grande perda da humanidade frente à industrialização e urbanização do mundo.

---

<sup>15</sup> Cf. PEIXOTO, Nelson Brissac (1982). *A sedução da barbárie: o marxismo na modernidade*. São Paulo: Brasiliense, p. 9.

Arremessado de encontro a uma enorme profusão de imagens, o homem moderno tem todos os sentidos requisitados quase ao mesmo tempo e, por isso, não consegue captar tudo o que vê, ouve e sente. A todo o momento, novos estímulos o obrigam a ficar atento; são choques que atingem a superfície do cérebro e se alojam na consciência para se transformarem em lembranças. No consciente, estas estão sempre à disposição, ao apelo da inteligência, porém, não guardam traço algum do passado. Na psicanálise freudiana, a lembrança tende a desagregar as impressões, enquanto a memória a conserva e o consciente aparece no lugar em que deveria haver uma impressão mnemônica.

O consciente se caracterizaria, portanto, por uma particularidade: o processo estimulador não deixa nele qualquer modificação duradoura de seus elementos, como acontece em todos os outros sistemas psíquicos, porém como que se esfumaça no fenômeno da conscientização. O axioma desta hipótese é que a conscientização e a permanência de um traço mnemônico são incompatíveis entre si para o mesmo sistema. Resíduos mnemônicos são, por sua vez, freqüentemente mais intensos e duradouros se o processo que os imprime jamais chegar ao consciente.<sup>16</sup>

Tal operação só seria possível se o homem moderno pudesse se proteger dos choques aos quais está irremediavelmente exposto. O dia-a-dia do habitante da cidade grande está se perdendo, pois sua “vivência” não pode transformar-se em “experiência”. Entretanto, no dizer de Freud, os choques podem ser atenuados por meio de treinamento para se controlar a recepção dos estímulos — função que caberia ao consciente desperto.

Bergson define o caráter da experiência na *durée*. Em sua obra *Matière et mémoire* (*Matéria e memória*)<sup>17</sup>, ele demonstra como a estrutura da memória é decisiva para a experiência, que é matéria da tradição e se forma com dados acumulados no inconsciente. Bergson, segundo Benjamin, não quis historicizar o declínio da experiência, mas sabe que ele é tributário da época da industrialização em grande escala. Para Benjamin, o trabalho de Bergson joga luz sobre a experiência que se apresenta aos olhos de Baudelaire, sem distorções, na figura de seu leitor.

---

<sup>16</sup> BENJAMIN, Walter (1994). *Charles Baudelaire: um lírico no auge do capitalismo*. 3. ed. Obras escolhidas, v. III. São Paulo: Brasiliense, p. 108.

<sup>17</sup> BERGSON, Henri (2010). *Matéria e memória*. São Paulo: Martins Fontes.

Proust, na obra *Em busca do tempo perdido*, foi quem testou a teoria bergsoniana. Terminologicamente, ele substituiu a *mémoire pure* da teoria de Bergson por *mémoire involontaire*. A memória involuntária não estaria sujeita à tutela do intelecto. Para Proust, o passado estaria “em um objeto material qualquer, fora do âmbito da inteligência e de seu campo de ação. Em qual objeto, isso não sabemos. E é questão de sorte se nos depararmos com ele antes de morreremos ou se jamais o encontraremos”<sup>18</sup>.

Benjamin discorda desse acaso e acredita que só depois de terem acabado as chances de os fatos exteriores fixarem a experiência é que se pode pensar nessa afirmação de Proust. Para Benjamin, o declínio da narrativa ajuda a explicar a atrofia da experiência: ao passar da antiga forma de narrativa para a informação e desta para a sensação, perde-se o elo entre o narrador e o ouvinte e a comunicação se atrofia. A antiga forma de narrativa — tão cara a Benjamin — não tinha a pretensão de transmitir um acontecimento, mas integrá-lo à vida do narrador, sendo passada ao ouvinte como experiência.

Se damos crédito a Bergson, a presentificação da *durée* (duração) é que libertará a alma humana da obsessão do tempo. Proust simpatiza com esta crença e, a partir dela, criou os exercícios, através dos quais, durante toda sua vida, procurou trazer à luz o passado impregnado com todas as reminiscências que haviam penetrado em seus poros durante sua permanência no inconsciente.<sup>19</sup>

Proust foi leitor atento de *As flores do mal* e viu aí afinidades com o que pensava e escrevia. Chamou-lhe a atenção o tratamento dado por Baudelaire ao tempo: “Em Baudelaire o tempo se soltou e apenas em alguns raros dias toma forma”<sup>20</sup>, observou Proust. Por esse motivo, o poeta usa com muita frequência locuções adverbiais de tempo, a exemplo de “uma noite quando”, e tantas outras.

Aparar os choques, viessem de onde viessem, foi a tarefa à qual Baudelaire se propôs física e intelectualmente com sua poesia. Ela teria então a função de ligar o leitor ao passado e à experiência do poeta — esta como tradição. Tal tarefa estaria também,

---

<sup>18</sup> PROUST, Marcel. *Em busca do tempo perdido*, apud BENJAMIN, Walter, op. cit., p. 106.

<sup>19</sup> BENJAMIN, Walter (1994). *Charles Baudelaire: um lírico no auge do capitalismo*. 3. ed. Obras escolhidas, v. III. São Paulo: Brasiliense, p. 131.

<sup>20</sup> BENJAMIN, Walter (1994). *Charles Baudelaire: um lírico no auge do capitalismo*. 3. ed. Obras escolhidas, v. III. São Paulo: Brasiliense p. 131.

segundo Benjamin, reservada ao objeto de arte, que então guardaria em si a ligação com a experiência de todos aqueles que o apreciaram<sup>21</sup>.

Mas a vida moderna, com as suas técnicas de reprodução, arrancou das artes sua aura, destruindo, assim, a possibilidade do reencontro, por meio delas, com o tempo perdido. Logo, Baudelaire e Benjamin procuraram colocar a experiência ao abrigo de qualquer crise. Mas tal façanha só é possível na esfera do culto; fora desta, ela se apresenta como “o belo”. Aí, o dado cultural aparece como valor da arte.

Estabelecer ligação com o passado é faculdade do “rememorar”. Não se trata de faculdade histórica, mas da pré-história. O que nos enche de alegria nos dias de festa é a possibilidade de voltar ao passado, visitar o tempo de nossos avós, reencontrarmos-nos com nossa tradição. Porém, o habitante da grande cidade se comporta como se tivesse sido arrancado do calendário. Para o operário, os piores dias são os de feriados, de descanso; nesses dias, de rememorar, ele não tem nada para fazer. “Se chamamos de aura às imagens que, sediadas na *mémoire involontaire*, tendem a agrupar-se em torno de um objeto de percepção, então essa aura em torno do objeto corresponde à própria experiência que se cristalizou em um objeto de uso sob a forma de exercício”<sup>22</sup>.

Nas cerimônias e cultos coletivos, as *correspondances* vêm à tona. Parece que o objeto atende ao chamado mágico dos iniciados e os reporta ao passado, à sua tradição. Assim, as obras de arte — por meio do belo — têm a capacidade de possibilitar correspondências e nos levar de volta ao passado, ao encontro da nossa tradição.

O belo é, segundo a sua existência histórica, um apelo à união com aqueles que outrora o haviam admirado. O ser-capturado pelo belo é um *ad plures ire*, como os romanos chamavam a morte. A aparência no belo consiste, para efeito desta caracterização, em que o objeto idêntico buscado pela admiração não se encontra na obra. Esta admiração recolhe o que gerações anteriores admiraram na obra.<sup>23</sup>

As novas técnicas de capturar sons e imagens que o século XIX viu nascer aceleraram a morte da aura, e os objetos — agora copiados em série e expostos nas

---

<sup>21</sup> BENJAMIN, Walter (1994). *Charles Baudelaire: um lírico no auge do capitalismo*. 3. ed. Obras escolhidas, v. III. São Paulo: Brasiliense, p. 132-133.

<sup>22</sup> BENJAMIN, Walter (1994). *Charles Baudelaire: um lírico no auge do capitalismo*. 3. ed. Obras escolhidas, v. III. São Paulo: Brasiliense, p. 137.

<sup>23</sup> BENJAMIN, Walter (1994). *Charles Baudelaire: um lírico no auge do capitalismo*. 3. ed. Obras escolhidas, v. III. São Paulo: Brasiliense, p. 132.

vitruines — não realizam mais correspondências; o culto não mais se verifica. São tantas as peças que a ligação com o passado se rompe. As *correspondances* cessam e o que prevalece é a *mémoire volontaire*. “A crise que assim se delineia na reprodução artística pode ser vista como integrante de uma crise na própria percepção. O que torna insaciável o prazer do belo é a imagem do mundo primitivo, que Baudelaire chama de velado por lágrimas de nostalgia”<sup>24</sup>.

Vagando pela cidade, o homem moderno é como aquele que perdeu a memória e não sabe mais como nem para onde voltar. A modernidade criou um padrão para tudo e sair fora dele é uma heresia, sob pena de banimento do “paraíso”. Não há nenhum consolo para quem não pode mais fazer qualquer experiência. Porém, não é senão essa incapacidade que constitui a essência da ira. O irado “não quer ouvir nada”; seu protótipo, Tímon de Atenas, enfurece-se contra os homens indistintamente; ele não está em condições de discernir entre o amigo comprovado e o inimigo mortal<sup>25</sup>.

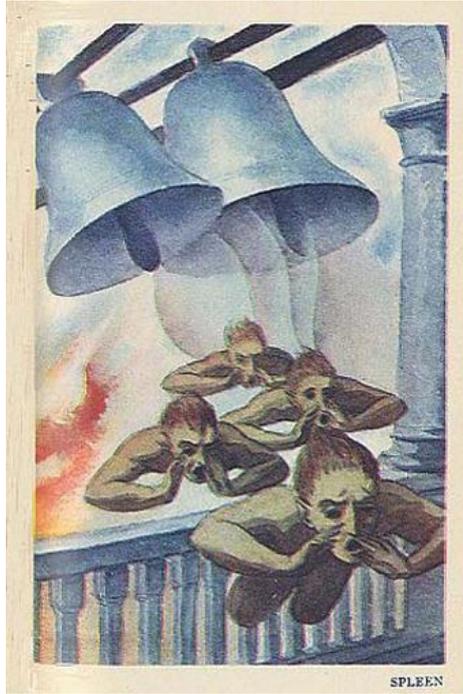
O *spleen* (melancolia), que anula o interesse e a receptividade, era uma das características marcantes do homem do século XIX, e era preciso tentar salvar sua personalidade da degradação provocada pela nova cidade. O melancólico se isola e o mundo passa por ele como um filme em preto e branco: nada o toca ou tem sentido. O indivíduo tenta preservar seu “eu” ante a massificação.

Em Baudelaire, o melancólico encontra seu correspondente no sujeito *blasé*, de Simmel: ambos lutam para preservar a autonomia perante as esmagadoras forças do mundo objetivo. Suas personalidades são arrastadas para uma sensação de inutilidade. Parece não restar a eles outra saída contra a planificação de suas vidas.

---

<sup>24</sup> BENJAMIN, Walter (1994). *Charles Baudelaire: um lírico no auge do capitalismo*. 3. ed. Obras escolhidas, v. III. São Paulo: Brasiliense, p. 139.

<sup>25</sup> BENJAMIN, Walter (1994). *Charles Baudelaire: um lírico no auge do capitalismo*. 3. ed. Obras escolhidas, v. III. São Paulo: Brasiliense, p. 135.



*Spleen* – Janserge (1931)<sup>26</sup>

## Spleen

Quando o céu plúmbeo e baixo pesa como tampa  
Sobre o espírito exposto aos tédios e aos açoites,  
E, unguindo toda a curva do horizonte, estampa  
Um dia mais escuro e triste do que as noites;

Quando a terra se torna em calabouço horrendo,  
Onde a Esperança, qual morcego espavorido,  
As asas tímidas nos muros vai batendo,  
E a cabeça roçando o teto apodrecido:

Quando a chuva, a escorrer as tranças fugidias,  
Imita as grades de uma lúgubre cadeia,  
E a muda multidão das aranhas sombrias  
Estende em nosso cérebro uma espessa teia,

Os sinos dobram, de repente, furibundos  
E lançam contra o céu um uivo horripilante,  
Como os espíritos sem pátria e vagabundos  
Que se põem a gemer com voz recalcitrante.

— Sem música ou tambor, desfila lentamente  
Em minha alma uma esguia e fúnebre carreta;  
Chora a Esperança, e a Angústia, atroz e prepotente,  
Enterra-me no crânio uma bandeira preta.<sup>27</sup>

<sup>26</sup> Ilustração publicada em BAUDELAIRE, Charles (1931). *Les fleurs du mal*. Illustrations de Janserge. Paris: Éditions Nilsson. “Retirado de”<sup>27</sup>“[http://www.deoudekrantenlezer.nl/poem.php?poem\\_id=121](http://www.deoudekrantenlezer.nl/poem.php?poem_id=121)”

<sup>27</sup> BAUDELAIRE, Charles (1985). Spleen. In: 5ª. ed. Tradução e notas de Ivan Junqueira. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, p. 296-297.

Neste poema, da série *Spleen et idéal*, de *Les fleurs du mal*, e que consiste em um único movimento, o metro alexandrino deixa claro que se trata de uma poesia séria, tudo em perfeita consonância com o profundo desespero que expressa.

As orações temporais, descrevendo um dia chuvoso com nuvens baixas e pesadas, estão repletas de metáforas: o céu como uma tampa fechando o horizonte, deixando-nos sem perspectiva na escuridão; a terra como uma masmorra úmida; a Esperança como um morcego esvoaçante preso entre paredes pútridas; as gotas de chuva como grades de uma prisão; e dentro de nós um povo emudecido de aranhas repulsivas, tecendo suas teias, simbolizam um desespero apático e profundo que se apossa de nós. Todas essas metáforas têm um caráter simbólico tão eficaz que parecem excluir qualquer possibilidade de uma vida mais feliz.<sup>28</sup>

---

“Quand le ciel bas et lourd pèse comme un couvercle/ Sur l’esprit gémissant en proie aux longs ennuis,/ Et que de l’horizon embrassant tout le cercle / Il nous verse un jour noir plus triste que les nuits;// Quand la terre est changée en un cachot humide,/ Où l’Espérance, comme une chauve-souris,/ S’en va battant les murs de son aile timide/ Et se cognant la tête à des plafonds pourris;// Quand la pluie étalant ses immenses traînées/ D’une vaste prison imite les barreaux,/ Et qu’un peuple muet d’infâmes araignées/ Vient tendre ses filets au fond de nos cerveaux, // Des cloche tout à coup sautent avec furie/ Et lancent vers le ciel un affreux hurlement,/ Ainsi que des esprits errants et sans patrie/ Qui se mettent à geindre opiniâtrement.// — Et de longs corbillards, sans tambours ni musique,/ Défilent lentement dans mon âme; l’Espoir,/ Vaincu, pleure, et l’Angoisse atroce, despotique,/ Sur mon crâne incliné plante son drapeau noir.”

<sup>28</sup> AUERBACH, Erich (2000). As flores do mal e o sublime. In: *Inimigo rumor*, n. 8, Rio de Janeiro: Viveiros de Castro, p. 84.



*Spleen et idéal* – Carlos Schwabe (1900)<sup>29</sup>

Como o poeta, ao lermos a poesia, colocamos em dúvida se um novo sol vai brilhar. A esperança aprisionada nos arranca toda perspectiva de dias melhores. Até leitores mais familiarizados com Baudelaire ficam desesperados com o horror exposto pelas três primeiras estrofes. O melancólico olha para o céu e tudo o que vê é uma enorme tampa como a de um caixão. A procissão de carros fúnebres desfila lentamente pela alma do poeta. Desolado, ele procura abrigo na solidão e na angústia. Essa tampa o impede de ver a cidade e toda a vida cotidiana que se descortina ao seu redor. No último verso, o colapso é total: “O vencedor é a Angústia, nada resta do poeta, nem alma, nem cérebro, nem mesmo a cabeça; o que se inclinou sob a bandeira preta foi apenas um crânio, *nom crâne incliné*. Ele perdeu toda a dignidade, não diante de Deus, pois não há Deus, mas diante da Angústia”<sup>30</sup>.

O *spleen* do poema é o desespero total, uma negação da vida. Essa “miséria cinza” nos deixa incapacitados para qualquer atividade. O poeta já retirou sua bandeira e não quer mais ter novas experiências; ele teme que elas virem única e somente repetição do

---

<sup>29</sup> Ilustração publicada em BAUDELAIRE, Charles (1900). *Les fleurs du mal*. Illustrations de Carlos Schwabe. Paris: Charles Meunier. “Retirado de”/“<https://curiator.com/art/carlos-schwabe/spleen-et-ideal>”

<sup>30</sup> AUERBACH, Erich (2000). As flores do mal e o sublime. In: *Inimigo rumor*, n. 8, Rio de Janeiro: Viveiros de Castro, p. 85.

passado. Condenado a uma profusão de imagens, sons e sensações, ele inclina sua cabeça vazia e deixa que uma imagem em preto e branco se desenrole à sua frente. Melancólico, *blasé*, o homem moderno — ainda que pela diferença com os demais — consegue preservar algo de seu, mesmo que seja o mais terrível horror.

*As flores do mal* é um livro que celebra a melancolia, a desesperança sombria de uma época que viu o chão se rachar e surgirem novas e desconhecidas flores que exalavam odores nunca antes experimentados. Foi uma época marcada pela destruição das certezas do Iluminismo e da revolução; tudo o que era sólido se desmanchava no ar e tudo que foi colocado no lugar foi a fria relação com o dinheiro. Os homens eram obrigados a encarar os iguais sem intermediários. Não havia mais estamentos, classes ou ordens, mas sim a relação monetária a estabelecer novas bases para tudo.

Se a modernidade foi uma imposição dos tempos, sua implantação no espaço urbano e na vida das pessoas foi traumática, um jogo de permanências e discontinuidades. Imposição desses tempos modernos que nasceram no século XIX, a cidade haussmaniana era caracterizada por largas avenidas: belos e agradáveis locais de sociabilidade (os bulevares), que encurtaram as distâncias entre um ponto e outro da cidade e tornaram mais eficazes os meios de comunicação. Paradoxalmente, a mesma cidade que uniu suas amplas vias de circulação distanciou o homem moderno de seu igual. Ao partir os laços estamentais, ao gerar a liberdade e o cidadão, a modernidade criou o indivíduo, um ser diferente que não mais precisava do grupo para expandir-se, e a circulação partiu os laços de solidariedade do *Ancien Régime*.

O homem moderno é um ser solitário, perdido nas multidões das cidades e, embora único, não consegue manifestar-se na aglomeração uniforme. É vagando em meio à multidão — abrindo caminho em meio ao “mar de cabeças humanas” — que ele se encontra único e indivisível. Ele se perde para se encontrar entre as diferenças.

A modernidade é tensão. Esse novo modo de ser explode quando o homem descobre que sua autonomia está ameaçada. Quem o havia libertado dos feudos e o impulsionado rumo às conquistas técnicas também lhe colocava grilhões. A mão que quebra o cadeado constrói correntes. A liberdade só consegue florescer longe do mundo uniformizado e padronizado pela técnica e pelo governo burguês.

Se, em Benjamin, essa cidade gigante, no século XIX, leva o indivíduo a se desintegrar e perder o contato com sua tradição e se, em Simmel, essa mesma tradição aparece irremediavelmente perdida, pois esse indivíduo é o passaporte para esse passado, o indivíduo está dando seus últimos suspiros e perdendo por completo a capacidade de

transformar “vivência” em “experiência”. Assim, a cidade moderna seria o palco da desintegração das correspondências. Mas a metrópole ainda pode oferecer a saída, ela é a arena onde esse combate acontece e é também o espaço de reconciliação entre os combatentes. Ela está prenhe de significados inestimáveis para o desenvolvimento da existência psíquica.

Baudelaire escreveu suas “flores do mal” de forma a oferecer ao leitor um anteparo aos choques advindos do novo cenário urbano. Se isso foi possível, se ele provocou impacto em seu “hipócrita leitor”, em seu “igual”, então está recuperada para a obra de arte a aura perdida, arrancada pelo mundo da técnica. Se o objeto de arte reassume seu papel de fazer correspondência entre a experiência de quem o cultua agora e a experiência de quem o cultuou no passado, então o presente pode ser salvo da destruição provocada pelo peso da vida moderna. Como cópia, o belo cristalizado na obra de arte é um apelo à união com aqueles que outrora o haviam admirado.

A obra de arte pode então ajudar a retirar do estado de letargia o habitante da cidade grande e recolocá-lo no centro da construção de sua independência, que só fará sentido se estiver ligada à luta secular de seus iguais por tal liberdade. E é na metrópole — vista e sentida como uma obra de arte — que o homem moderno poderá reconciliar-se consigo mesmo e com sua tradição.

As medidas do espaço de uma cidade contam os acontecimentos do passado. Cada rua aberta, cada praça ou prédio público foram feitos — isto é, erguidos tijolo por tijolo — porque determinada demanda política assim o exigiu. O movimento de homens e mulheres no aglomerado urbano é que define seu traçado, dependendo, é claro, da força política de cada grupo.

Três mil e seiscentas vezes por hora, os olhos desses dois homens viram ao redor deles mesmos um mundo em ruínas. A caducidade da metrópole foi a única visão permitida. Eles quiseram restaurar a identidade e a medida de todas as coisas e ainda estabelecer uma ordem social imediatamente transparente. “Fizeram do desconcerto e da alucinação que nos provocam a dispersão da arte moderna o fluxo incessante das trocas ou o burburinho da multidão, a condição da localização e da disposição de tudo”<sup>31</sup>.

Desesperadamente, Baudelaire e Benjamin percorreram as cidades — becos, bulevares e avenidas, rostos perplexos e anônimos — e, no meio da multidão, tentaram resgatar o homem.

---

<sup>31</sup> PEIXOTO, Nelson Brissac (1982). *A sedução da barbárie: o marxismo na modernidade*. São Paulo: Brasiliense, p. 203.

À medida que se expande, o público moderno se multiplica em uma multidão de fragmentos, que falam linguagens incomensuravelmente confidenciais; a idéia de modernidade, concebida em inúmeros e fragmentários caminhos, perde muito de sua nitidez, ressonância e profundidade e perde sua capacidade de organizar e dar sentido à vida das pessoas. Em consequência disso, encontramos hoje em meio a uma era moderna que perdeu contato com as raízes de sua própria modernidade.<sup>32</sup>

Uma arte filosófica que seja capaz de unir espírito e matéria é o desafio da nova modernidade; unir novamente nossos passos ao de nossos ancestrais é o desafio. Ler nas pegadas deixadas pelas ruas do “monstro urbano” do passado e, com ele, aprender o futuro, é nossa missão.

É preciso não perder contato com nossas experiências e saber conjurar no momento exato a tradição para usá-la em proveito do futuro. A decepção com o desenvolvimento tecnológico e o impacto da vivência têm de ser barrados como os choques em Baudelaire. Uma nova sensibilidade deve dar lugar a uma decepção trágica. Como detetives, temos de descobrir novas marcas nos lugares e objetos cotidianos.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- AUERBACH, Erich (2000). As flores do mal e o sublime. In: *Inimigo rumor*, n. 8, Rio de Janeiro: Viveiros de Castro, p. 83-100.
- BAUDELAIRE, Charles (1985). *As flores do mal*. 5ª. ed. Tradução e notas de Ivan Junqueira. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- BENJAMIN, Walter (1994). *Charles Baudelaire: um lírico no auge do capitalismo*. 3. ed. Obras escolhidas, v. III. São Paulo: Brasiliense.
- BERGSON, Henri (2010). *Matéria e memória*. São Paulo: Martins Fontes.

---

<sup>32</sup> BERMAN, Marshall. (1986). *Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade*. São Paulo: Companhia das Letras, p. 17.

- BERMAN, Marshall (1986). *Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade*. São Paulo: Companhia das Letras.
- CARVALHO, Sérgio Lage T (1997). A saturação do olhar e vertigem dos sentidos. *Revista da USP*, n. 32, p. 126-155.
- ENGELS, Friedrich (1985). As grandes cidades. In: *A situação da classe trabalhadora na Inglaterra*. São Paulo: Global.
- FEATHERSTONE, Mike (1995). *Cultura de consumo e pós-modernismo*. São Paulo: Studio Nobel.
- PEIXOTO, Nelson Brissac (1982). *A sedução da barbárie: o marxismo na modernidade*. São Paulo: Brasiliense.
- PROUST, Marcel (1994). Em busca do tempo perdido, apud BENJAMIN, Walter. *Charles Baudelaire: um lírico no auge do capitalismo*. 3. ed. Obras escolhidas, v. III. São Paulo: Brasiliense, p. 106.
- “Retirado de”/“[http://www.deoudekrantenlezer.nl/poem.php?poem\\_id=121](http://www.deoudekrantenlezer.nl/poem.php?poem_id=121)”
- “Retirado de”/“<https://curiator.com/art/carlos-schwabe/spleen-et-ideal>”
- SIMMEL, Georg. (1976). A metrópole e a vida mental. In: VELHO, Otávio Guilherme (org.). *O fenômeno urbano*. 3. ed. Rio de Janeiro: Zahar, p. 11-25.